

**POLÍTICA, RAÇA E REPRESSÃO EM SANTIAGO DE CUBA
APÓS A LEI DE EMANCIPAÇÃO (1880)**

IACY MAIA MATA*

No dia 6 de março de 1881, Rosa Mendibur enviou um pedido ao Ministério de Ultramar solicitando que ficasse sem efeito a deportação do seu marido, o *moreno* livre Leandro Mesa, que havia sido preso em 7 de dezembro de 1880 e remetido a Fernando Pó, no Golfo da Guiné, suspeito de haver tomado parte em assunto político.¹ Junto com ele, sob a mesma acusação, foram presos e deportados mais de duzentos livres de cor.

Leandro Mesa teria participado de uma conspiração da gente de cor que foi desbaratada em dezembro de 1880 na cidade de Santiago de Cuba e nas zonas de El Cobre, El Caney, Yaguas, Songo e Palma Soriano. Segundo informações obtidas pelo Comandante Militar de Santiago de Cuba, a conspiração estava sendo gestada, também, nas jurisdições de Guantánamo e Sagua. Ao que parece, uma insurreição estava prestes a estourar.² O “centro diretivo” estaria na cidade de Santiago de Cuba e agentes estariam espalhados em várias localidades.³

A sublevação começaria de uma forma espetacular.

Em uma função que os negros organizaram no teatro com motivo da abertura de um *Casino*, para a qual deveriam ser convidadas todas as autoridades, pretendia-se, uma vez iniciada a representação, fechar as válvulas de saída

* Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia, Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas.

¹ Quando foi preso, Leandro Mesa era cabo primeiro da seção de cavalaria do Corpo de Voluntários de Santiago de Cuba. AHN, AP, maço 76, doc. 40, *Copia de una instancia de Rosa Mendibur de Mesa, solicitando al Ministro de Ultramar que quede sin efecto el extrañamiento a Fernando Poo de su esposo Leandro Mesa, preso por causa política*, Santiago de Cuba, 06/03/1881.

² AGI, Diversos 8, *Telegrama do Comandante Geral Camilo Polavieja ao Capitão Geral em Conspiración de la Raza de Color descubierta en Santiago de Cuba el 10 de Diciembre de 1880, siendo Comandante General de la Provincia el Excmo. Sr. Teniente General Don Camilo Polavieja y Castillo*, Santiago de Cuba, Sección Tipográfica del Estado Mayor, 1880, Santiago de Cuba, 10/12/1880, p. 5-6.

³ Havia notícias que agentes da conspiração atuavam em Palma Soriano, San Luis, Songo, Guantánamo e Sagua de Tánamo. AGI, Diversos 8, *Telegrama do Comandante Geral Camilo Polavieja ao Capitão Geral em Conspiración de la Raza de Color...*, Santiago de Cuba, 10/12/1880, p. 8.

do gasômetro, deixando a cidade sem luz, atacando as autoridades dentro do teatro ao mesmo tempo em que começava do lado de fora o movimento.⁴

Um empregado da fábrica de gás era o responsável por fechar a válvula e deixar a população às escuras.⁵ O jornal *La Epoca* noticiou:

A ‘Liga Antilhana’ projetava estabelecer em fins do corrente um centro de instrução e recreio, inaugurando este acontecimento com um concerto no teatro, para o qual deviam ser convidadas todas as autoridades e pessoas visíveis da população. Uma vez ocupadas as localidades, e no momento mesmo de começar o espetáculo, os conjurados, convenientemente dispostos, haviam de desenvolver seu plano, começando por fechar a válvula de saída do gasômetro, para sumir a cidade em densa escuridão. Seu intento era assassinar primeiro as autoridades, cair em seguida sobre a raça branca, que odeiam até o extermínio, e lançar-se depois ao campo, liderados por Antonio Maceo, Máximo Gómez e outros caudilhos cujo desembarque esperavam antes de empreender o movimento.⁶

El Cobre era apontado como um dos distritos em que os livres de cor estavam envolvidos na conspiração. Houve denúncia de que lá, nas proximidades do cafézal *Aurora*, ocorriam reuniões suspeitas.⁷ De acordo com o francês *Don Ernesto Gautier Dufaix*, foram encontrados indícios de que reuniões com muita gente estavam acontecendo em um local próximo à sua fazenda. Para o fazendeiro, estes encontros podiam não ser coisa de muita importância, mas podiam também ser “muito e questão de cuidado”, e neste caso, opinava o doutor, se tratava da questão nova, “a liga negra das Antilhas, tendo ramificações”.⁸

O Governador da Província recebeu uma carta informando que, em uma serralheria situada na Rua Enramadas, havia um grande depósito de armas e munições e que seus donos haviam vendido grande quantidade de facões não só a comerciantes, como também a particulares; que não havia muito “receberam uma grande fatura desse artigo e

⁴ AGI, Diversos 8, *Ofício do Comandante Geral Camilo Polavieja ao Capitão Geral em Conspiración de la Raza de Color...*, Santiago de Cuba, 10/12/1880, p. 11.

⁵ Domingo Solorzando era o empregado da fábrica de gás responsável pela ação (AGI, Diversos 8, *Notas*, s/d, fls. 48).

⁶ AGI, Diversos 8, *La Época*, 15/12/1880.

⁷ AGI, Diversos 8, *Ofício do Comandante Geral Camilo Polavieja ao Capitão Geral em Conspiración de la Raza de Color...*, Santiago de Cuba, 10/12/1880, p. 9.

⁸ AGI, Diversos 8, *Carta de Dn. Ernesto DuDefair ao Comandante Geral Camilo Polavieja*, 23/11/1880, fls. 392, 396.

municações e que depositaram em sua casa e dali tem saído sem conhecimento da autoridade.”⁹ O facão, instrumento de trabalho dos que se dedicavam à lavoura, livres e escravos, foi uma arma muito utilizada pelos insurretos nas guerras anticoloniais. O seu uso foi tão difundido entre os rebeldes que foi considerado a “espada do soldado cubano” (SARMIENTO-RAMIREZ, 2008: 79-92).

Concomitantemente, notícias semelhantes chegavam da jurisdição de Guantánamo¹⁰: agentes secretos informavam que lá também se conspirava e que o movimento só esperava a chegada de Maceo para começar.¹¹ O Ministro da Espanha nos Estados Unidos, por sua vez, anunciou desembarques próximos de gente de cor nas imediações de Santiago de Cuba.¹² Segundo o Ministro, os emigrados cubanos começavam, de novo, a se animar maquinando planos atentatórios à tranquilidade da ilha; conforme dados recebidos de um agente, o insurreto Salvador Rosado pretendia desembarcar nas imediações de Santiago de Cuba acompanhado de sete negros.¹³ Para todos os efeitos, o movimento começaria com a chegada do líder da guerra independentista Antonio Maceo à província. Maceo estava na Jamaica e se comunicava regularmente com moradores de Santiago de Cuba.¹⁴

A ordem para a prisão dos suspeitos foi dada no dia 6 de dezembro à noite e, na madrugada do dia 7, começaram as prisões. Dezenas de suspeitos foram presos e a maioria esmagadora era de cor; a maior parte dos presos já tinha participado das duas insurreições anteriores.¹⁵ Segundo Polavieja, desde que chegara dos Estados Unidos, estava seguindo

⁹ AGI, Diversos 8, *Carta anônima*, fl. 60.

¹⁰ AGI, Diversos 8, *Ofício do Comandante Geral Camilo Polavieja ao Capitão Geral em Conspiración de la Raza de Color...*, Santiago de Cuba, 10/12/1880, p. 10.

¹¹ AGI, Diversos 8, *Telegrama do Comandante Geral Camilo Polavieja ao Capitão Geral em Conspiración de la Raza de Color...*, Santiago de Cuba, 10/12/1880, p. 10.

¹² AGI, Diversos 8, *Ofício do Comandante Geral Camilo Polavieja ao Capitão Geral em Conspiración de la Raza de Color...*, Santiago de Cuba, 10/12/1880, p. 10.

¹³ AGI, Diversos 8, *Ofício do Capitão Geral ao Comandante Geral Camilo Polavieja em Conspiración de la Raza de Color...*, Havana, 02/12/1880, p. 21-22. Em 1º de dezembro, o Capitão Geral enviou a Polavieja um telegrama informando que Salvador Rosado tentava vir de Cayo-Hueso com sete negros e desembarcar próximo a Santiago de Cuba (AGI, Diversos 8, *Telegrama do Capitão Geral ao Comandante Geral Camilo Polavieja em Conspiración de la Raza de Color...*, Havana, 1º/12/1880, p. 23).

¹⁴ Os irmãos Miguel Chacon e Manuel Chacon se encontravam em Cauto, perto de Palma Soriano, e um parente destes se encontrava em Moron - estes três eram apontados como responsáveis pela comunicação com Maceo em Jamaica (AGI, Diversos 8, *Notas*, s/d, fl. 26).

¹⁵ AGI, Diversos 8, *Ofício do Comandante Geral Camilo Polavieja ao Capitão Geral em Conspiración de la Raza de Color...*, Santiago de Cuba, 10/12/1880, p. 10, 12-13.

“passo a passo” uma conspiração que pensava levar a gente de cor que pertencia à Liga Antilhana e era dirigida da Jamaica por Antonio Maceo. A chegada de Maceo era esperada para fins de dezembro ou início de janeiro. Como a situação estava prestes a romper e em vista da possibilidade dos conspiradores se lançarem ao *monte*, Polavieja resolveu agir e em uma mesma noite prendeu os que faziam parte da direção e “os que dela dependiam”¹⁶. Foram presos e conduzidos à fragata *Almansa* cerca de 212 indivíduos, todos da classe de cor, em sua maioria insurretos indultados várias vezes, assim como o Comitê Diretivo.¹⁷ Foram ordenadas 265 prisões (HELG, 2000: 68).

Neste período, mudanças significativas estavam ocorrendo em Cuba. A Guerra Pequena acabara meses antes e ainda pairava sobre a Ilha o temor de uma nova insurreição anticolonial. Muitos cubanos que haviam participado das guerras de independência estavam espalhados pelas ilhas do Caribe – Haiti, Jamaica, Santo Tomás –, além de nos Estados Unidos. Alguns, insatisfeitos com o Pacto de Zanjón e com o desfecho da Guerra Pequena, continuavam trabalhando no exterior pela independência da ilha.

Na região oriental, negros e mulatos tiveram participação decisiva nas contendas independentistas e muitos livres de cor, fora e dentro da ilha, esperavam o momento apropriado para recomeçar a luta. A escravidão fora formalmente abolida em fevereiro de 1880 e em seu lugar vigorava o Patronato. Neste período, segundo uma autoridade colonial, “a gente de cor não se ocupava mais que de comentar a lei de Abolição, que lhes está fazendo muito mal efeito”.¹⁸ Nesta época, a Ilha estava dividida em seis províncias. (MONTEJO ARRECHEA, 2004:49)¹⁹. As jurisdições de Santiago de Cuba e Guantánamo agora faziam parte da província de Santiago de Cuba. Era Comandante Militar e Governador da província de Santiago de Cuba o espanhol Camilo Polavieja (BALBOA NAVARRO, 2003: 97).²⁰

* * *

¹⁶ AGI, Diversos, *Carta do Governador do Departamento Oriental Camilo Polavieja ao Consul da Espanha no Haiti Dn. Manuel Garrido*, Santiago de Cuba, 17/12/1880.

¹⁷ AGI, Diversos 8, *Telegrama do Comandante Geral Camilo Polavieja ao Capitão Geral em Conspiración de la Raza de Color...*, Santiago de Cuba, 10/12/1880, p. 6.

¹⁸ AGI, Diversos 9-B, *Correspondência do Comandante do Regimento de Nápoles ao Comandante Geral Camilo Polavieja*, 19/05/1880.

¹⁹ As províncias eram: Pinar del Rio, Havana, Matanzas, Santa Clara, Puerto-Príncipe e Cuba (Santiago de Cuba).

²⁰ Polavieja foi Comandante Militar da Província de Santiago de Cuba de junho de 1879 a dezembro de 1881. Em 1878, uma nova reforma pôs fim aos Departamentos e a área correspondente à região oriental passará a se chamar província de Santiago de Cuba.

Há dúvidas se, de fato, existiu uma conspiração em Santiago de Cuba em 1880, mas a participação de negros em atividades conspirativas era evidente. As suspeitas do governo colonial sobre os livres de cor se fundavam em uma longa história de participação destes em conspirações. Em Santiago de Cuba e Guantánamo, áreas em que a população de cor tinha um peso demográfico maior, toda atividade política dos negros e mulatos se tornou motivo de suspeição. Para Howard, as suspeitas sobre os cabildos também se explicavam pelo papel que estes haviam desempenhado em conspirações anteriores e pela presença demográfica dos negros na ilha (HOWARD, 1998: 83).

Há pistas que indicam o protagonismo e a presença dos negros de Santiago de Cuba nas atividades políticas e conspirativas no início da década de 1880. Houve denúncia de que, em uma casa imediata ao *paseo de la Concha*, houve uma reunião de negros para tratar de novos levantamentos, com previsão de voltarem a se reunir em três ou quatro dias.²¹ Em Sagua, havia notícias de que, no dia de Natal, se reuniriam “todos os ind[ivíduo]s de cor de maus antecedentes com objeto de cear reunidos”²². As atividades dos livres de cor eram seguidas de perto pelo Comandante Militar Camilo Polavieja.

Polavieja contava com uma extensa rede de informantes e agentes secretos que atuavam dentro e fora de Cuba e mantinha contatos regulares com os cônsules espanhóis nos Estados Unidos, Haiti e Santo Tomás. Entre seus métodos, destacam-se a interceptação de correspondência dos insurretos e a “contratação” de agentes duplos que fingiam conspirar com os rebeldes para se inteirar de todas as movimentações (FRANCO, 1975:13). Polavieja comandava a província de Santiago de Cuba desde junho de 1879 e se considerava o responsável por derrotar a Guerra Pequena que, como vimos, foi marcada por grande presença da população de cor. No começo da carreira, entre 1859-1860, Polavieja servira na Guerra entre Espanha e Marrocos sob ordens de outro espanhol, Leopoldo O'Donnell, que, em 1844, foi responsável pela maior repressão desencadeada contra escravos e livres de cor na ilha (*La Escalera*) (ANDERSON, 2005: 160-164). As histórias de conspirações e sublevações dos negros lhe eram bem conhecidas. Além disso, ele estava presente no Protesto de Baraguá, quando Maceo e outros líderes de cor se recusaram a aceitar o Pacto de Zanjón e informaram que continuariam as hostilidades contra a Espanha (GUERRA Y SÁCHEZ, 1972: 368).

²¹ AGI, Diversos 8, *Carta de D. José G. Aldave ao Comandante Geral Camilo Polavieja*, s/d, fl. 65.

²² AGI, Diversos 8, *Carta de De Dn. Pedro Pin ao Comandante Geral Camilo Polavieja*, Mayari, 31/12/1880, fl. 494.

Meses antes das prisões, Polavieja já havia manifestado a sua preocupação com a gente de cor. Segundo ele, o espírito da gente de cor, no Departamento Oriental, com raras exceções, não inspirava grande confiança: “estes homens sonham com uma ideia tenaz que jamais se lhes havia ocorrido até que a insurreição veio a dar-lhe corpo e vida”. A Guerra de Dez Anos permitiu à classe de cor ocupar espaços que antes lhes eram vedados. Além da presença no exército e da projeção de lideranças negras e mulatas, durante a insurreição, nas cidades ocupadas pelos rebeldes (Bayamo e Jiguaní, por exemplo) homens de cor foram indicados para ocupar postos municipais. Como afirma Ada Ferrer, a “rebelião deu forma concreta à ideia de igualdade racial” (FERRER, 1999: 37). Esta é a “ideia tenaz” da “gente de cor” a que se refere Polavieja: o questionamento às hierarquias raciais. Por isto, segundo o militar, naquele momento, os espanhóis teriam de recorrer novamente às armas se se deixasse crescer a “ideia que alimentam os negros, como questão de raça”.²³

O que o Comandante Militar queria dizer com “questão de raça”? A raça de cor de Santiago de Cuba era percebida pelas autoridades coloniais como a responsável por imprimir nos conflitos anticoloniais em Cuba um tom racial. No início de 1881, em Cienfuegos, a escravaria do engenho *Carolina* composta por mais ou menos 200 indivíduos se amotinou ao grito de “Morrão os brancos!” Segundo o Governador Geral Ramón Blanco, havia “motivos para crer que a atitude da referida escravaria foi promovida por sugestões de negros de Santiago de Cuba, partidários de Maceo”, já que havia notícias da presença de agentes secretos dos conspiradores de Santiago de Cuba naquela jurisdição e porque “tomaram por pretexto [da rebelião] o ódio de raça, sentimento que afortunadamente rara vez se manifestou entre os negros das escravarias”²⁴.

Por outro lado, a interpretação dos conflitos pelo viés racial não era comportamento exclusivo de algumas autoridades coloniais; estava presente também em membros da classe de cor engajados na luta contra o domínio espanhol. Em um episódio na Jamaica, partidários de Maceo que lá residiam se reuniram, no dia 9, em um dos clubes frequentados por haitianos “e depois de algumas bebidas, saíram em grupos pelas ruas gritando desafortadamente que logo iriam a Cuba e não deixariam uma só cabeça de branco”. Vários deles foram contidos pelos companheiros menos ébrios e levados às suas casas.

²³ AGI, Diversos 8, *Ofício do Comandante Geral Camilo Polavieja ao Capitão Geral em Conspiración de la Raza de Color...*, Santiago de Cuba, 13/10/1880, p. 100.

²⁴ AHN, Governo, maço 4801, *Revista Decenal Ramón Blanco*, Havana, 15/05/1881.

Segundo informações obtidas pelo Cônsul Espanhol na Jamaica, Maceo teria “desaprovado tão desnecessário alarde; não por virtude senão porque em realidade disse que isso só contribui a comprometer sua causa”²⁵.

Em uma carta anônima endereçada a um traidor branco da conspiração, um pardo dizia que: “se toda nossa gente fosse como eu, que não posso ver a nenhum branco, já toda Cuba seria nossa”. O receptor da carta, além de receber vários insultos e ofensas a si e a sua família, foi acusado de ser usurpador e explorador da gente de cor e foi comparado a Antonio Saco, que, segundo o autor da carta, queria vantagens para os “branquinhos” e nenhum direito para os negros (CEPERO BONILLA, 1971: 133). A missiva, assinada por um “artesão e admirador de Maceo”, que se definia como “pardinho”, revela outra faceta das tensões raciais do lado insurreto e uma percepção diferente do projeto de fraternidade sem alusão à raça que se pretendia construir.²⁶ Em outra carta, também assinada por “um artesão e admirador de Maceo”, se dizia que “a gente de cor é a única que pode fazer a independência de Cuba” e que “a nova guerra será casa de negros e mulatos”²⁷. Entre as evidências das atividades conspirativas de 1880, constava que, no dia 2, pela noite, o negro Andrés Ciria disse no armazém do povoado ao atendente branco: “Não está longe o dia em que os negros se comam aos brancos”²⁸.

O escrivão de Santiago de Cuba, Pedro Secundino Silva, foi averiguado e acusado pelo Cônsul espanhol no Haiti de estar em relações com os insurretos tanto do Haiti quanto da *manígua* (territórios rebeldes em Cuba) e foi considerado sumamente perigoso; os termos que usava eram “dos mais indecorosos e terríveis referindo-se a todo que é espanhol”. Em uma carta dirigida a um mulato, o escrivão teria dito: “Nós devemos fazer todos os sacrifícios para redimir nossos irmãos africanos, pois por nossas veias corre o mesmo sangue”²⁹.

²⁵ AGI, Diversos 8, *Carta do Cônsul da Espanha em Kinsgton ao Governador de Santiago de Cuba Camilo Polavieja*, Kinsgton, 14/04/1881, fl. 653.

²⁶ AHN, Ultramar, Governo, maço 4801, *Carta a Manuel Arango*, 05/05/1882.

²⁷ AHN, Ultramar, Governo, maço 4801, *Carta de “um artesano y admirador de Maceo” a Manuel Arango, traidor da conspiração*, Haiti, 10/05/1882.

²⁸ AGI, Diversos 8, *Ofício do Comandante Geral ao Capitão geral remetendo carta de agente secreto datada de 10/12/1880 em Conspiración de la Raza de Color...*, Santiago de Cuba, 21/12/1880, p. 45-48.

²⁹ AGI, Diversos 8, *Carta do Cônsul da Espanha no Haiti ao Governador da Província de Santiago de Cuba*, Porto Príncipe, 11/03/1880, fl. 142.

O tratamento de irmão entre os insurretos não era novidade; foi forjado na Guerra de Dez Anos e na formação do exército multirracial. Ao proclamar seu compromisso com o ideal de uma cidadania inclusiva, alguns rebeldes afirmaram: “Todos os homens são nossos irmãos, seja qual for a cor da sua pele, seja qual for a sua raça” (FERRER, 1999: 38)³⁰. Além disto, o tratamento de irmão fazia parte do repertório da maçonaria, à qual, como vimos, vários líderes independentistas pertenciam, e foi usado durante todo o processo conspirativo da Grande Guerra (TORRES-CUEVA, 2004: 96). Um dos juramentos da maçonaria Grande Oriente incluía: “Juro e prometo defender o bem público, tomar aos oprimidos por irmãos e os opressores por inimigos...” (TORRES-CUEVA, 2004: 121-122). Um dos indícios que chamou a atenção das autoridades coloniais em 1880 é que a gente de cor começou “a se chamar uns aos outros irmãos; distintivo de guerra que usaram a vez passada”³¹. Em uma carta assinada por J. Castillo está escrito: “minhas gratas saudações a todos os irmãos que estão nessa”³².

O interessante é que o Cônsul Espanhol no Haiti, ao comentar a carta de Pedro Secundino Silva se disse confuso, pois, conforme suas palavras, “não lhe parece possível que um escrivão seja negro ou mulato”³³. Secundino Silva devia ser do tipo pardo bem claro que, em algumas situações, lograva “passar por branco”. Em uma relação de pessoas que tomaram parte nas primeira e segunda insurreições de Cuba, Pedro Secundino foi descrito como branco e teve seu nome precedido pelo pronome *Don*, designativo da cor branca.³⁴ Mas, na carta a um mulato, Secundino Silva reafirmou seu compromisso de redimir os “irmãos africanos”, pois por suas veias corria o mesmo sangue.

A ideia de fraternidade, aqui, ganha novos significados: refere-se ao compartilhamento de uma origem comum, a se perceber como filhos do mesmo tronco. Uma carta de Mayol endereçada a Lucas Mesa começa com *querido h. (de hermano, irmão)* e

³⁰ Manuel Quesada, um General em Porto Príncipe parecia também referir-se aos negros como irmãos carnais (FERRER, 1999: cap. 1, nota 86).

³¹ AGI, Diversos 8, *Nota de D. Manuel Asensio*, s/d, fl. 56.

³² AGI, Diversos 8, *Carta de J. Castillo dirigida a Pablo Mallol*, Santiago de Cuba, dez. de 1880, fl. 179.

³³ AGI, Diversos 8, *Carta do Cônsul da Espanha no Haiti ao Governador da Província de Santiago de Cuba*, Porto Príncipe, 11/03/1880, fl. 142.

³⁴ AGI, Diversos, *Antecedentes de pessoas que tomaram parte nas insurreições primeira e segunda da ilha de Cuba*, fl. 436.

termina com: “muito cuidado e que Deus proteja nosso propósito para o bem da nossa raça”³⁵. O princípio da fraternidade, presente entre os rebeldes da Guerra de Dez Anos, parecia, agora, estar sendo ressignificado, incorporando o elemento racial. Ao lado da construção de um sentimento de fraternidade que unia brancos e negros contra o domínio colonial, formava-se, paralelamente, a aproximação de negros e mulatos e a identidade da “raça de cor”.

As prisões de dezembro de 1880 atingiram, indistintamente, negros e mulatos. Segundo as autoridades coloniais, os dois grupos estavam agindo juntos na conspiração. Para as autoridades coloniais, negros e mulatos estariam simulando distanciamento, mas esta separação, no entanto, era aparente, porque a união entre eles sempre teria existido.³⁶ Esta unidade, soava muito natural em 1880, mas nem sempre fora assim. Foi no curso das guerras anticoloniais, sobretudo da Guerra Pequena, que as clivagens entre negros e mulatos se tornaram mais frágeis, permitindo a mobilização política em torno da “raça de cor”³⁷. Em paralelo à organização de frentes inter-raciais na luta independentista, forjava-se a construção de uma nova identidade racial dos não-brancos e a crescente autoidentificação de pardos e negros como raça de cor.

* * *

Para justificar mais de duzentas prisões de livres de cor, o Comandante Militar Camilo Polavieja recorreu ao velho argumento da ameaça de guerra racial, difundindo a ideia de que a raça de cor se preparava para se levantar em uma guerra de raças contra os brancos, na chegada de Maceo à província. Antonio Maceo estaria à frente do movimento, dando a este “o caráter de guerra de raça com objetivo de chamar a si a boa e honrada população de cor, que tem sido e segue sendo leal”³⁸. As autoridades coloniais usaram imagens raciais e o discurso da guerra racial para questionar a insurreição nacionalista (FERRER, 1999: 49). Polavieja era um político hábil em manipular o medo do “perigo negro” para tentar esvaziar as conspirações anticoloniais e garantir o domínio espanhol em Cuba. Como já alertou Aline

³⁵ AGI, Diversos 8, *Carta de Mayol dirigida a Lucas Mesa*, Jamaica, 13/12/1880, fl. 168.

³⁶ AGI, Diversos 8, *Ofício do Comandante Geral Camilo Polavieja ao Capitão Geral em Conspiración de la Raza de Color...*, Santiago de Cuba, 10/12/1880, p. 7.

³⁷ Para Ada Ferrer, uma poderosa retórica antirracista floresceu durante a Guerra de Dez Anos e se tornou mais dominante entre 1880, com a instituição do Patronato, e a terceira guerra, que começou em 1895 (FERRER, 1999: 3).

³⁸ AGI, Diversos 8, *Telegrama do Comandante Geral Camilo Polavieja dirigido desde Cuba ao Capitão Geral em Conspiración de la Raza de Color...*, Santiago de Cuba, 10/12/1880, p. 6.

Helg, este estadista expressa bem a política espanhola de estimular o temor dos negros (HELG, 2000: 67-68; FERRER, 1999). Recorria-se, assim, mais uma vez, à velha tática espanhola de caracterizar os movimentos anticoloniais como tentativas de guerra racial (FERRER, 1999: 93-94).³⁹

Polavieja foi informado de que brancos conspiravam ao lado dos negros e mulatos. Um informante que enviava notícias de Kingston, Jamaica, lhe escreveu afirmando:

Como já hoje é necessário ocupar-se da Ilha de um modo tal que as gentes de cor não possam em nenhum tempo ameaçar os brancos, me apresso a participar a V.E. como ainda o mulato Maceo quer perturbar a Ilha, o que não logrará porque aqui os brancos o seguimos passo a passo. Para essa saiu daqui um Colás na passada viagem, que era o secretário de Maceo, levou papéis dele com a ideia de atrair alguns de cor; muito estranho que um pícaro branco se ocupe em favor dos mulatos contra os da sua cor. [...] Maceo se crê um Bolívar e há oferecido àqueles por sua cooperação os primeiros postos em seu governo, que com o favor de Deus, a união de brancos peninsulares e insulares e as medidas de progresso e bom governo, nada em nunca logrará. [...] Colás [...] é partidário dos de cor porque quer vingar o enforcamento de seu pai. [...] Lhe dou o fio, Senhor General, tenha cuidado, daqui a Porto Príncipe, Haiti, estão trabalhando os de cor, e alguns brancos os ajudam.⁴⁰

Polavieja admitiu que existiam brancos na conspiração, mas decidiu não atingi-los. O Comandante Militar sabia que existiam duas grandes questões em jogo: a luta contra o domínio colonial espanhol, que mobilizava muitos brancos, e o problema não completamente sanado com o Patronato, a escravidão ou, como se chamava em Cuba, na época, a questão social, ao que Polavieja atribuía a mobilização dos livres de cor. Por isto considerava altamente político que a maioria dos brancos não visse, nas conspirações de 1880, “a independência, e sim a questão social” e que se afastassem, pelo menos na província de Santiago de Cuba, “do elemento de cor, único apto para sofrer as penalidades da guerra”⁴¹.

³⁹ O argumento de que a guerra de independência se convertera em uma guerra de raças foi largamente utilizado pelos espanhóis e serviu também como justificativa para os projetos de imigração branca (BALBOA NAVARRO, 2000: 31).

⁴⁰ AGI, Diversos 8, *Carta de Fidencio Cisneros ao Comandante Geral de Santiago de Cuba*, Kingston, 16/03/1881, fl. 205.

⁴¹ AGI, Diversos 8, *Ofício do Comandante Geral Camilo Polavieja ao Capitão Geral em Conspiración de la Raza de Color...*, Santiago de Cuba, 10/12/1880, p. 11. Ver também Ferrer (FERRER, 1999: 94). Como afirma Ada Ferrer, talvez nenhuma autoridade colonial tenha sido mais hábil nesta tarefa do que o Governador Provincial de Santiago de Cuba, Camilo Polavieja,

Alguns dos brancos suspeitos de participarem da conspiração pareciam manter estreitas relações com a gente de cor. *Don José Bril* se tornou suspeito e estava sendo vigiado porque foi visto convidando a gente de cor⁴²; *Don Gustavo*, escrevente da chefatura de polícia municipal, ao que parece, de Guantánamo, era considerado “mal, malíssimo” e “íntimo do *concejal* de cor e seus amigos”; dizia-se que *Don Juan Bernardo Bravo*, acusado de propagandista e falso, andava “metido entre os negros”⁴³; *Don Bienvenido Espinal* e *Don Juan Dominguez Sola* que, junto com os brancos *Don Manuel Jesus Perez*, *Don Juan Bernardo Prado* e um chamado *Acosta* (estranho à localidade), falaram na reunião de *morenos* que deu lugar à instalação do novo *Casino* e eram vistos como “alentadores” de negros.⁴⁴

Polavieja, inicialmente, não quis publicizar que o movimento de 1880 era organizado apenas pelos livres de cor nem demonstrar a menor desconfiança em relação aos bombeiros porque “seria fatal o fazer ver à numerosíssima classe de cor que a considerávamos à frente, ou desconfiávamos dela, para demonstrar o contrário e semear entre eles mais e mais a discórdia”; habilmente, orquestrou para que “oficiais e guerrilheiros do país, em sua maioria de cor”, efetuassem as prisões.⁴⁵

Muitos negros fizeram parte das guerrilhas, tropas formadas por cubanos que lutaram a favor da Espanha contra as forças independentistas (FERMOSELLE, 1974: 13; BARNET, 2006: 143, 154, 174-175).⁴⁶ A política adotada pelo governador Polavieja foi tomar medidas que atingiam diretamente a população de cor, sem, contudo, deixar isto explícito. Assim, ordenou a reorganização do Corpo de Bombeiros, que começou por entregar as armas e munições, oficiou aos Chefes do Corpo de Voluntários e Guerrilhas, proibindo o ingresso de “gente de cor” nos batalhões enquanto durasse a reorganização dos Bombeiros,

que “interpretou a insurreição como guerra de raças e fez de tudo ao seu alcance para fazer a rebelião imitar a sua interpretação”. Polavieja usou a estratégia de afastar os elementos brancos da insurreição para que esta se reduzisse aos elementos de cor (FERRER, 1999: 78).

⁴² AGI, Diversos 8, *Nota de Manuel Asensio*, s/d, fl. 56.

⁴³ AGI, Diversos 8, *Notas*, s/d, fl. 54. *Concejal* seria uma espécie de vereador, conselheiro.

⁴⁴ AGI, Diversos 8, *Notas*, fls. 1-67, fl. 48.

⁴⁵ AGI, Diversos 8, *Ofício do Comandante Geral Camilo Polavieja ao Capitão Geral em Conspiración de la Raza de Color...*, Santiago de Cuba, 10/12/1880, p. 11-12.

⁴⁶ Os guerrilheiros podiam ser armados pelas autoridades ou com dinheiro dos fazendeiros (BALBOA NAVARRO, 2003: 70).

sob pretexto de que se tirava gente àquele Corpo.⁴⁷ Logo após as prisões, em 11 de dezembro de 1880, sugeriu que o Capitão Geral ditasse uma medida que evitasse a entrada de emigrados da classe de cor na cidade de Santiago de Cuba, pois muitos estariam entrando na cidade através de vapores que vinham de Havana, Cienfuegos e de Porto Rico - o General considerava esta entrada inconveniente.⁴⁸ Nesta época, vários emigrados cubanos, brancos e não brancos, conspiravam, a partir de outras ilhas do Caribe, contra o jugo colonial espanhol e a ênfase de Polavieja sobre o perigo do retorno dos emigrados de cor se devia à projeção e liderança política que Antonio Maceo estava conquistando no Caribe e à sua capacidade de influenciar os livres de cor da região oriental.

Segundo informes recebidos por Polavieja, Maceo estava em Kingston, Jamaica, “conspirando hoje com vários emigrados haitianos aqui residentes com o objetivo de derrocar o presidente Salomón”⁴⁹. Durante a Guerra Pequena, em setembro de 1879, viajara para Porto-Príncipe, Haiti, com o objetivo de angariar recursos e conseguir colaboração da emigração cubana lá residente e do governo haitiano, nesta época, simpático à causa cubana. Fora bem recebido pelo General haitiano José Lamothe, que estava lhe prestando auxílio para a organização de uma nova expedição a Cuba. No mês seguinte, no entanto, ascendeu ao governo do Haiti, Lysius Salomón, aliado dos espanhóis, que começou a perseguir haitianos liberais (FRANCO, 1975: 190-191). Com a ajuda de emigrados cubanos e haitianos amigos, Maceo fugiu do Haiti, após uma tentativa de assassinato orquestrada pelo Capitão Geral de Cuba, Ramón Blanco, e pelo Cônsul Espanhol no Haiti, Antonio Fierro, e voltou à Jamaica (ESCALONA DELFINO, 2005: 144-145.⁵⁰ Lá, o contato com haitianos perseguidos por Salomón foi intenso.

Segundo as autoridades espanholas, o propósito de Maceo, ao prestar seu apoio aos haitianos, se baseava na esperança de que estes, uma vez no poder, lhe prestassem ajuda e

⁴⁷ AGI, Diversos 8, *Ofício do Comandante Geral Camilo Polavieja ao Capitão Geral em Conspiración de la Raza de Color...*, Santiago de Cuba, Sección Tipográfica del Estado Mayor, 1880, Santiago de Cuba, 10/12/1880, p. 12.

⁴⁸ AGI, Diversos 8, *Telegrama do Comandante Geral ao Sr. Capitão Geral em Conspiración de la Raza de Color...*, Santiago de Cuba, 11/12/1880, p. 26.

⁴⁹ AGI, Diversos 8, *Correspondência do Consul da Espanha em Kingston para o Comandante Geral Camilo Polavieja*, Kingston, 25/03/1881, fl. 653.

⁵⁰ ESCALONA DELFINO, José Antonio. Maceo en Haití, Haití en Maceo. In: PORTUONDO ZÚÑIGA, Olga; ESCALONA CHÁDEZ, Israel; FERNÁNDEZ CARCASSÉS, Manuel (Coord.). *Aproximaciones a los Maceo*. Santiago de Cuba: Oriente, 2005, p. 134-155, 144-145.

cooperação na luta contra a Espanha. Intimamente ligado ao partido haitiano do qual era chefe o pretendente ao poder, Boyer Bazalais, que lhe ofereceu apoio quando conseguisse chegar ao poder⁵¹, paralelamente Maceo mantinha estreitos e regulares contatos com seus partidários de Santiago de Cuba e enviava instruções secretas a seus aliados na província, alentando-os: “não esmoreçam em manter latente entre os de sua raça a ideia de que em breve ele em pessoa marchará a pôr-se à frente de um formidável movimento que não poderá ter como resultado mais do que o triunfo de suas armas”⁵². A comunicação de Maceo com insurretos de Santiago de Cuba era facilitada pelas constantes chegadas de barcos vindos de outras Antilhas e através do “comércio de frutos” pelo qual os conspiradores facilmente podiam enviar emissários e ainda introduzir armas em pequenas expedições (FRANCO, 1975: 13).

Camilo Polavieja associou, insistentemente, as atividades conspirativas em Santiago de Cuba à Liga Antilhana, que tencionava “preparar para [a] guerra de raças”. A Liga, na região oriental, estaria “recrutando seus adeptos sobretudo entre os procedentes da *manígua* [território rebelde]”, ou seja, entre os que haviam lutado nas guerras anteriores; e não deixavam de entrar nela “gentes de cor que haviam sido leais há até pouco tempo”.⁵³

Nos meses que antecederam a descoberta da conspiração de 1880, o Comandante Militar havia recebido diversos informes de que a Liga Antilhana estava fazendo um grande número de adeptos entre a gente de cor da província de Santiago de Cuba.⁵⁴ Uma carta, assinada por Lucas Mesa, informava que haviam formado a Liga em Santiago de Cuba e que esta se compunha dele, Manuel Ramirez, Narciso Justí, José del C. Barquet, como agente, Bernabé Castillo, Pedro Mancebo, Telesforo Dominguez, Juan Ferrer, Juan Garbay. Em Guantánamo, Domingo Peña; Manuel Vaillant, por Yarayabo. Lucas Mesa justifica que, com a pressa com que escreveu, esqueceu-se de nomear alguns nomes da raça de cor que pertenciam à escravidão e alguns brancos e concluiu: “dia 10 última hora tivemos a agradável

⁵¹ AGI, Diversos 8, *Correspondência do Cônsul Espanhol em Kingston para o Comandante Geral Camilo Polavieja*, Kingston, 14/04/1881, fl. 655.

⁵² AGI, Diversos 8, *Correspondência do Cônsul da Espanha em Kingston para o Comandante Geral Camilo Polavieja*, Kingston, 25/03/1881, fl. 653.

⁵³ AGI, Diversos 8, *Carta do Comandante Geral Camilo Polavieja ao Comandante Militar de Guantánamo José Moraleda*, Guantánamo, 20/11/1880, fl. 479.

⁵⁴ AGI, Diversos 8, *Ofício do Comandante Geral Camilo Polavieja ao Capitão Geral em Conspiración de la Raza de Color...*, Santiago de Cuba, 10/12/1880, p. 8.

notícia que os Bombeiros estão a maior parte deles conosco dispostos a começar, todos são de nossa cor”⁵⁵.

Em 1878, meses após o Protesto de Baraguá, Antonio Maceo, que vivia exilado na Jamaica, formou, em companhia de Gregorio Luperón e Ramón Ementerio Betances, a Liga Antilhana (BUSCAGLIA-SALGADO, 2003: 248).⁵⁶ Para José Luciano Franco, Ramón E. Betances e Gregorio Luperón, opositores incansáveis da escravidão e dos regimes coloniais na segunda metade do século XIX personificavam o sentimento progressista e democrático dos países do Caribe (FRANCO, 1975: 201). Poucos estudos existem sobre a Liga Antilhana; quase nada se conhece sobre a extensão das suas operações ou de sua antecessora, a Liga das Antilhas, fundada quatro anos antes, por Betances, em Paris (BUSCAGLIA-SALGADO, 2003: 246-248). Este tipo de organização vivia sob constante vigilância e seus membros, em geral, trabalharam a maior do tempo na clandestinidade e não deixaram muitos registros de suas ações (BUSCAGLIA-SALGADO, 2003: 242). A Liga era uma organização secreta que tinha entre os seus objetivos a independência completa e a confederação das ilhas caribenhas (BUSCAGLIA-SALGADO, 2003: 248).

Segundo informações de agentes e cônsules espanhóis que estavam fora da Ilha, o programa da Liga Antilhana seria o predomínio da raça de cor nas Antilhas. Um agente secreto que havia estudado em Paris informou que estudantes do Haiti diziam que o “porvir forçoso era para eles, os de cor, as Antilhas e à raça branca o continente americano”. A Liga teria centro em todas as Antilhas e todos os governos estavam em alerta; o Centro estaria em Puerto-Plata, Santo Domingo. A aproximação de Antonio Maceo dos emigrados haitianos na Jamaica só aumentava a suspeição das autoridades coloniais. Em Cuba, as notícias davam conta de que Maceo havia fundado a Liga Antilhana, uma “organização feita pela raça de cor” (LEYVA Y AGUILERA, 1893: 16). Por que foi possível este tipo de interpretação?

⁵⁵ Também havia brancos, como *Don* Modesto, Duany y Cabrera e o Sr. Robert que ofereceu sua fazenda ao lado do porto para desembarcar os que viessem incógnitos. *Don* José Fonte, empregado em uma oficina militar, se dispôs a informar sobre os movimentos da milícia do governo. Com exceção de Narciso Justos e Manuel Vaillant, todos os negros e mulatos apontados como pertencentes à Liga Antilhana em Santiago de Cuba foram presos e deportados a Fernando Pó. Na lista dos deportados constam os brancos *Don* Hilario Duany, *Don* Manuel Cabrera (AGI, Diversos 8, *Carta de Lucas Mesa*, Santiago de Cuba, 09/11/1880, fl. [ilegível]).

⁵⁶ Segundo um viajante norte-americano, no início da Guerra de Dez Anos, os ingleses haviam proposto aos insurretos formar uma Confederação das Antilhas (O’KELLY, 1968: 211).

Ramón Ementerio Betances, fundador da Liga junto com Maceo, nascido em Porto Rico, em 1827, tinha uma extensa trajetória de luta contra a escravidão e a opressão colonial. Abolicionista, participou da Revolução de 1848, que aboliu a escravidão nas colônias francesas, e da luta de restauração da independência dominicana em 1863-1865 (ANDERSON, 2005: 184-185). Na Guerra de Restauração, em Santo Domingo (República Dominicana), quando a Espanha foi derrotada, a maioria dos insurgentes também era de cor (BUSCAGLIA-SALGADO, 2003: 243). Em 1866, quando foi fundada a Sociedade Republicana de Cuba e Porto-Rico em Nova Iorque, Betances estava presente. A Sociedade defendia a liberdade das Antilhas espanholas e a “liberdade absoluta de todos os seus habitantes sem distinção de raça ou cor” (KNIGHT, 1970: 151; CEPERO BONILLA, 1971: 102-103)⁵⁷.

Na década de 1870, antes de voltar e se estabelecer em Paris, Betances se movia, constantemente, entre Santo Tomás, Haiti, República Dominicana, Venezuela e Nova Iorque, seguido de perto por agentes e espiões a serviço da Espanha. Ele acreditava que as ilhas caribenhas, com diferentes colonizadores e insignificantes militarmente, não sobreviveriam, a não ser juntas, em uma federação das Antilhas.⁵⁸ Mas há algo pouco explorado na sua biografia que talvez ajude a entender a sua aproximação com Maceo: Betances era mulato e, como Maceo, maçom (TORRES-CUEVA, 2004: 76). Em uma reunião, em 1870, na Grande Loja Maçônica de Porto-Príncipe (Haiti), Betances teria dito: “As Antilhas deveriam pertencer aos filhos das Antilhas” (BUSCAGLIA-SALGADO, 2003: 246). Em uma carta à irmã, escreveu: “somos *prietuzcos*, e não negamos isso” (BUSCAGLIA-SALGADO, 2003: 247 e nota 11).

Gregorio Luperón, outro fundador da Liga, nasceu na República Dominicana e também era mulato (BUSCAGLIA-SALGADO, 2003: 247). Em 1879, após uma revolução popular, o General Gregorio Luperón chegou a ocupar a presidência da República Dominicana (FRANCO, 1975: 201-203). Em sua homenagem, em 1888, foi escrito o seguinte texto, que revela um pouco de como se posicionava em relação à questão racial:

⁵⁷ A informação de que Betances participou da fundação da Sociedade Republicana de Cuba e Porto-Rico foi extraída de Buscaglia-Salgado (BUSCAGLIA-SALGADO, 2003: 246), que informa que esta foi fundada em dezembro de 1865.

⁵⁸ No futuro, Betances se tornaria uma espécie de decano da comunidade latina em Paris e foi indicado, oficialmente, como agente diplomático da Revolução Cubana em Paris, em 1896 (ANDERSON, 2005: 185-186).

O governo que nos domina... deveria começar a pensar seriamente sobre o destino reservado pela Providência para os negros e mulatos da América. De agora em diante, este destino é manifesto, dado o presente número desta raça; e eu acredito que a ilha de Santo Domingo é chamada a ser o núcleo, o modelo desta glorificação [...] ⁵⁹

Em uma interpretação muito próxima de Camilo Polavieja, Buscaglia-Salgado acredita que, em fins da década de 1870, havia um “projeto mulato para a confederação antilhana” que se tornou, rapidamente, uma causa perdida (BUSCAGLIA-SALGADO, 2003: 222-252). O projeto foi recebido com suspeição por parte de alguns crioulos brancos, que viram na iniciativa uma ameaça ao seu projeto de fundação de estados nacionais; para eles, a Liga Antilhana representava um plano de dominação e governo negro no Caribe (BUSCAGLIA-SALGADO, 2003: 248). Buscaglia-Salgado chama atenção de que, no Protesto de Baraguá, quando rejeitou o Pacto de Zanjón, acordo de saída da Guerra de Dez Anos orquestrado por espanhóis e crioulos brancos, Maceo convocou seus seguidores a continuarem na guerra para fazer de Cuba “uma nova república assimilada a nossas irmãs de Santo Domingo e Haiti”. A ideia de uma “república assimilada” foi também interpretada pelos nacionalistas crioulos como um projeto de governo dos negros no Caribe (BUSCAGLIA-SALGADO, 2003: 248). Isso talvez ajude a entender um pouco a “histeria” dos espanhóis.

Mas o que nos interessa aqui não é saber se havia ou não um projeto de dominação negra no Caribe e sim porque a proximidade entre Maceo, Betances e Luperón e suas movimentações políticas pela independência foram interpretadas assim. Maceo, apesar de ser um árduo defensor das alianças inter-raciais no processo de independência de Cuba, soube se mover entre as identidades cambiantes de negro e cubano e acionou sua identidade racial para se legitimar enquanto líder da luta contra a escravidão em Cuba: ele defendia que a tarefa de libertar os negros de Cuba da escravidão era dos “homens de cor”, não dos crioulos ou independentistas em geral. Em uma carta ao General haitiano José Lamothe, escreveu:

Esses escravos, General, cansados do açoite e das correntes, e demasiado frágeis para rompê-los por si sós, estendem a vista ao seu redor e ao ver-nos a nós homens de cor que tivemos a fortuna de não nascer na escravidão ou

⁵⁹ Homenagem a Gregorio Luperón, 1888 (BUSCAGLIA-SALGADO, 2003: 245).

de haver nos liberado dela, nos pedem nosso auxílio. Nosso dever é concedê-lo; negá-lo seria um crime (DUHARTE JIMÉNEZ, 1984; 68).

No exílio, Maceo estreitou laços com líderes do Caribe através de uma intensa troca de correspondências. Como Betances havia feito anos antes, viajou por Santo Domingo, Haiti, Santo Tomás e Estados Unidos, sempre acompanhado de perto por agentes a serviço da Espanha e participou de *meetings* e reuniões contra o domínio colonial. Dirigia-se a brancos e negros insurretos emigrados nas Antilhas e nos Estados Unidos. Neste primeiro momento, mobilizou e se valeu da identidade racial para se credenciar e forjar alianças com negros e mulatos caribenhos contra os espanhóis e a escravidão.

As conexões entre Maceo e dominicanos, porto-riquenhos, haitianos e orientais de Cuba, negros e mulatos, materializavam um antigo temor dos espanhóis: a articulação de uma conspiração negra transnacional e revelavam que, além das lutas travadas contra o domínio colonial, negros e mulatos, sob o signo da raça de cor, construía solidariedades e apostavam na organização e mobilização a partir da identidade racial para além das fronteiras nacionais. O ativismo negro lançava mão de um vocabulário político que incluía nacionalismo, igualdade, fraternidade, aliança inter-racial e identidade racial transnacional.

ANDERSON, Benedict Richard O' Gorman. *Under three flags: anarchism and the anti-colonial imagination*. London; New York: Verso, 2005.

ARRECHEA, Carmen V. Montejo. *Sociedades negras en Cuba, 1878-1960*, Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 2004.

BALBOA NAVARRO, Imilcy. *La protesta rural en Cuba: resistencia cotidiana, bandolerismo y revolución (1878-1902)*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2003.

BALBOA NAVARRO, Imilcy. *Los brazos necesarios: inmigración, colonización y trabajo libre en Cuba, 1878-1898*. Valencia: Centro Francisco Tomás y Valiente UNED Alzira-Valencia: Fundación Instituto Historia Social, 2000.

BARNET, Miguel. *Biografía de un cimarrón*. Havana: Editorial Letras Cubanas, 2006.

BUSCAGLIA-SALGADO, José F. *Undoing empire: race and nation in the mulatto Caribbean*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.

CEPERO BONILLA, Raúl. *Azúcar y abolición*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales/Instituto Cubano del Libro, 1971.

DUHARTE JIMÉNEZ, Rafael. *Dos aproximaciones a la historia de Cuba*. Santiago de Cuba: Casa del Caribe/Imprenta de la Dirección Provincial de Cultura de Santiago de Cuba, 1984.

ESCALONA DELFINO, José APORTUONDO ZÚÑIGA, Olga; ESCALONA CHÁDEZ, Israel; FERNÁNDEZ CARCASSÉS, Manuel (Coord.). *Aproximaciones a los Maceo*. Santiago de Cuba: Oriente, 2005.

FERRER, Ada. *Insurgent Cuba: race, nation and revolution, 1868-1898*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1999.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PARÁ

- FERMOSELLE, Rafael. *Política y color en Cuba: la guerrita de 1912*. Montevideo, Uruguay: Geminis, 1974.
- FRANCO, José Luciano. *Antonio Maceo: apuntes para una historia de su vida*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1975.
- GUERRA Y SÁNCHEZ, Ramiro. *Guerra de los 10 años*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales; Instituto Cubano del Libro, 1972. 2 t.
- HELG, Aline. *Lo que nos corresponde: la lucha de los negros y mulatos por la igualdad en Cuba – 1886-1912*. Havana: Ediciones Imagen Contemporánea, 2000.
- HOWARD, Philip A. *Changing history: afro-cuban cabildos and societies of color in the Nineteenth Century*. Louisiana: Louisiana State University Press, 1998.
- KNIGHT, Franklin W. *Slave Society in Cuba during the Nineteenth Century*. Madison: University of Wisconsin Press, 1970.
- LEYVA Y AGUILERA, Herminio C. *La guerra chiquita: el movimiento insurreccional de 1879 en la provincia de Santiago de Cuba*. Havana: La Universal, 1893.
- O'KELLY, James J. *La tierra del mambi*. Havana: Instituto del Libro, 1968.
- SARMIENTO RAMÍREZ, Ismael. *El Ingenio del Mambí*. Santiago de Cuba: Oriente, 2008. T. II.
- TORRES-CUEVAS, Eduardo. *Historia de la masonería cubana: seis ensayos*. Havana: Imagen Contemporanea, 2004.